



## A influência das concepções religiosa indo-europeia

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3435

Guilherme Reis Mendonça, UEM

### Resumo

Pode-se afirmar, com efeito, que boa parte das religiões antigas e mesmo as línguas faladas pelos povos antigos e atuais evoluíram do mesmo núcleo comum, da cultura e da proto-religião indo-europeia. Este estudo tem como objetivo expor, em um panorama geral, a influência da proto-religião indo-européia nas tradições culturais e religiões que vieram posteriormente, dando ênfase na Religião Grega e nas tradições religiosas advinda dos "vedas" (o Brahmanismo e Hinduísmo). A busca desse traço comum entre as religiões é bem retratada em alguns livros, como o de Fustel de Coulanges, **A Cidade Antiga** (*La Cité Antique*), por isso, a metodologia literária dessa pesquisa teve como base o estudo desta obra. A explicação de concepções religiosas como: animismo, culto ao fogo, crença no post mortem, os deuses e a religião doméstica ou subterrânea, methenpsicose (reencarnação) e traços xamânicos entre outros, possibilita o entendimento desse núcleo comum. Acredita-se que seja importante esclarecer essas ligações, pois elas contribuem não apenas para o entendimento das religiões, mas também da cultura e o que sucedeu posteriormente, que foi a base para a formação cultural greco-romana, sendo a moral e o direito.

### Palavras Chave:

Religião; Conceitos;  
Indo-europeus; Gregos;  
Cultura.



George Dumézil (1898) sugerem uma estrutura de sociedade hierarquizada em classes sociais, hipótese trifuncional dividida em: Guerreiros, Sacerdotes e Fazendeiros. Constatam-se esse tripartido também nas religiões advindas (brâmanes indo-arianos, colégios sacerdotais romanos). Inicialmente, as atividades destes povos consistiam em atividades agropastoris sedentárias e posteriormente o nomadismo de natureza guerreira, sendo muito provavelmente os primeiros a domarem os cavalos.

Até o apagar das luzes da história da Grécia e de Roma, presenciamos a permanência, entre homens, de certo conjunto de pensamento e de hábitos com certeza oriundos de época mais remota, mas na qual já se pode reconhecer o ideário original concebido pelo homem a respeito de sua própria natureza, de sua alma e do mistério da morte [...]. Até onde nos é dado remontar na história da raça indo-européia. (Coulanges, 1864, p. 13).

Migrando-se em grandes levas, e certamente dando origem a outros dialetos intermediários, inicialmente para o sudoeste - rumo ao Irão (Irã) e a Índia, depois rumo à Grécia, Península Itálica, e Espanha, França, Inglaterra ao norte europeu, e Leste Europeu etc.

## Religião

Quanto à religião, o fator mais importante no trabalho consiste na crença desse povo, os Indo-Europeus, em muitas divindades. Por onde este passou e deixou suas tradições, assim, é possível encontrarmos o nome de muitos deuses (Politeísmo) em diferentes línguas e termos. Muitos autores defendem a tese de um Deus único a princípio, teorizando que os demais seriam seres figurativos a fenômenos, entidade, símbolos, etc, defendendo um princípio comum, algo como algumas vertentes das tradições religiosas védicas: como o culto Brâman,

que é princípio essência primordial e ainda o conceito de trindade e politeísmo e que falaremos adiante, apesar de todas essas teorias estarem baseadas em conjecturas, convém especularmos.

É importante levarmos em consideração, que, muitos dos conceitos apresentados aqui são muito mais antigos que a Religião Pública Grega e o gigantesco panteísmo hindu atual, e muitos desses conceitos são excludentes a outros, ou seja, não podem coexistir, como por exemplo, o culto aos mortos é excludente a reencarnação. Entre as tradições religiosas hindus, esse fato é o mais marcante devido sua pluralidade cultural, seu politeísmo, suas várias vertentes e seus milhares de anos.

## Dies Pater

O Indo-europeu usa um termo para representar a ideia de Deus que também representa o firmamento celeste cósmico: Dyeus ou Deiwos, do radical Dī= Iluminar ou ainda céu iluminado diurno (dia).

Os indianos mencionam Dyaus ou Dyauṣ Pitā, Dyaus Indra no Rig veda, no sânscrito: "द्यौषितृ" tradução livre: pai do céu.

Na Hélad, este deus chama Zeus, genitivo de Dios ou ainda Zeus Pater que está conexo íntima e etimologicamente em latino como Júpiter, iov-pater, Deus); No latim: Deus, Dius, Divus, Dies (piter) etc.

Ainda nas línguas norueguês antigo, báltico, eslavo, persa (iraniano), hitita, germânico islandês, celta-irlandês em muitas outras línguas e dialetos.

## Geia Terra Mãe'

Mencionar todos os povos que cultuavam essa Deusa representante da fertilidade e fecundidade com certeza seria material para um livro, vemos em praticamente todas as culturas, e seu culto é muito presente até hoje; mais do que

atribuir como núcleo comum indo-europeu, temos de levar em consideração o que já foi dito anteriormente: os homens antigos adotavam os costumes e a cultura de seus antepassados, por razão de sobrevivência e adaptação, nesse caso a fertilidade agrícola e a fecundidade dos rebanhos estava intimamente ligada a sobrevivência das famílias.

Na Grécia no segundo milênio, possivelmente com a influência dos minoicos de descendência também indo-europeia, trouxeram o culto da Deusa Mãe, representando a fertilidade, fica quase explícita a concepção de que o céu fecunda a terra que é intrinsecamente terra-mãe de tudo e todos.

Posteriormente esse mito influencia obras como a Teogonia de Hesíodo, mito cosmogônico grego que marcou profundamente a cultura grega, tendo Gaia ou Geia (Mãe-terra) como figura feminina, e figuras masculinas como Urano (céu).

No Oriente, esse culto à Deusa Mãe também é bem marcante, não apenas entre os Hindus, mas influencia quase todas as tradições religiosas orientais e filosóficas como o Budismo. Nessas religiões, o nome Pṛthvī Mātā "Amplidão" é associado a terra, seu cônjuge Dyauṣ Pitā é responsável por fertilizá-la através da chuva e seus filhos são Agni (Fogo), Ushas (Aurora), Indra (Clima) todos mencionados na Rigveda (RV 3.25.1) (RV 4.14.4)

### **Humus Terra**

Esse termo aparece em contraposição à "celestes" terreno ou terrestre que era o termo que representava o homem: Ghem, ghton, ghom, que significa "terra" no latim: humus, homo.

### **Tripartida e Trimurti a Divisão Ternária**

Além de Deus, Homo, Natura

ou ainda Céu, Homem e Terra, ainda temos as concepções tripartidas de estrutura religiosa. É sabido que essa estrutura não foi adotada entre os gregos e ficou restrita e eternizada na obra literária de Platão "A República", que, adotando o conceito da teoria da alma tripartida (intelectiva, irascível e apetitiva), propõe um modelo de sociedade (guardiões, comerciantes e guerreiros).

Entretanto, na religião Romana, no período pré-capitolino foi adotado a tríade suprema: Júpiter (Soberano), Marte (Guerreiro) e Quirino (Agrário). Alguns termos foram substituídos na etrusca: Marte por Juno e Quirino por Minerva. A tríade também foi reverenciada pelos germânicos antigos, ou seja, os Vikings. Sua principal tríade foi: Odin (Soberano), Thor (Guerreiro) e Frey (Produção ou Fecundação).

No Hinduísmo notamos também a presença de três divindades, que atualmente, é comumente conhecida como a supremacia dos Devas. É composta de Brahma (Criador), Vishnu (Mantenedor) e Shiva (Destruidor).

Apesar de existirem outras vertentes como as tradições védicas que acreditam na supremacia de Indra, é importante ressaltar a diferença entre Brahma e Brâman que é algo como a essência, espírito divino, absoluto, na qual todos os deuses são parte.

A partir daí no hinduísmo e em outras religiões passa ser ligado a outros conceitos de tempos cíclicos, metafísicos e filosóficos como:

- Tamas, Rajas e Sattwa (queda, expansão e ascensão)
- Yang, Ying e Tao no taoísmo

E ainda os três estados de consciência e mantra sagrado do hinduísmo representado por " Aum " - vigília, sonho e sono - " ॐ "

É importante também ressaltar que os conceitos apresentados podem ser válidos para outras vertentes e religiões

além da grega e das tradições hindu. Elas figuram determinadas épocas, visto que, podem também coexistir com outras crenças como acontece entre os Hindus que acreditam em coisas que são excludentes.

### **Culto aos mortos e deuses domésticos**

Nas tradições religiosas Hindus, o culto dedicado aos ancestrais existe desde antes a escrita dos vedas (Livros sagrado) e determinava que a refeição (sradha) dependia do oferecimento aos antepassados. Geralmente essa cerimônia era reservada ao patriarca da casa diariamente.

Entre os Gregos, o culto aos mortos também tem origem primitiva muito antes da consolidação dos Deuses, da Religião Pública e da crença na metempsicose. Cabia também ao patriarca, única e exclusivamente os antigüíssimos costumes do culto fúnebre e da conservação das leis, que na verdade eram advindas da religião.

O culto era extremamente particular, permitido apenas aos familiares. Esse culto havia de ser repassado ao primogênito obrigatoriamente antes do falecimento do patriarca. Coulanges (1961) acredita que daí provém todas as regras do direito de sucessão entre os gregos e romanos, e posteriormente a lei.

O antigo costume da hereditariedade por parte do primogênito remonta os primórdios da humanidade, como é citado no livro dos hindus, O Código de Manu. Essa obra é uma espécie de manual de jurisprudência e explana o direito de sucessão não apenas no que tange a heranças de bens financeiros, mas também na continuação religiosa.

Acreditava-se na vivência subterrânea dos mortos, e tratavam-nos como deus, por isso, diante de seus túmulos construía-se altares, esses

túmulos ficavam na propriedade familiar, a poucos metros da casa.

Acreditou-se, durante muito tempo ainda, que nessa segunda existência a alma continuaria associada ao corpo. Nascida com o corpo, não seria dele separada pela morte; alma e corpo seriam encerrados juntos no mesmo túmulo. [...] Polidoro com estas palavras: “Encerramos a Alma no túmulo” (Coulanges, 1864, p. 13).

Os rituais fúnebres eram muito importantes para os gregos. Acredita-se que a alma e corpo não poderiam se separar e por isso, ela viveria junto ao corpo em um túmulo. Assim, os túmulos funcionavam como “casas” das almas. Daí vem a ideia da vida subterrânea destas almas. Nesse aspecto Coulanges afirma

Ao término da cerimônia fúnebre, havia o costume de chamar três vezes a alma do morto pelo nome que ele havia usado em vida, desejando-lhe vida feliz debaixo da terra. Dizia-lhe por três vezes: Passe bem [...] No epitáfio, escrevia-se que o defunto ali repousava: afirmação essa que sobreviveu às próprias crenças e que, atravessando os séculos chegou até nossos dias (Coulanges, 1864, p. 13).

Nesse contexto, foi possível verificar que o túmulo era um fator importante na morte, pois seria naquele espaço que a alma viveria eternamente.

### **Culto ao fogo sagrado**

Coulanges (1864) menciona em seu livro “A Cidade Antiga (1961)” que os gregos tinham uma palavra bastante significativa para designar a família. Esse termo era epístion, que em tradução literal, significa aquilo que está junto ao fogo. Era obrigação que recaía sobre o patriarca, tanto em Roma como na Grécia, a vigente conservação do fogo sagrado e sobre ele ficava o altar. O fogo

deveria manter-se puro, visto que não era qualquer madeira a alimentá-lo, nem nenhum objeto impuro podia ser queimado, orava-se perante ele, e vertia vinho, flores, frutas, essa era à hora de invocá-lo.

No Oriente, anterior a divindade Brama, o culto ao fogo já tinha suas raízes. Posteriormente acabou por ficar em segundo plano, mas também deviam mantê-lo aceso com determinadas madeiras, e lhe vertia licores fermentados. A divindade do fogo na Índia tinha um nome específico e era celebrado nos hinos védicos, chamava-se Agni.

Uma prova cabal da antiguidade dessas crenças e dessas práticas é o fato de as encontrarmos ao mesmo tempo entre os homens das margens do mediterrâneo e entre os moradores da península indiana. Com certeza os gregos não tomaram dos hindus essas práticas, nem os hindus as apreenderam dos gregos. Mas gregos, italianos e hindus descendem de uma mesma raça; os antepassados, em época muito remota, viveram juntos na Ásia Central, onde pela primeira vez se originaram essas crenças [...]. Quando as diversas tribos se separaram levaram consigo esse culto comum; umas até as margens do Ganges e trazendo-o, outras, para as costas do mediterrâneo

Assim, percebemos que vários povos tiveram uma mesma origem, uma vez que percebemos que muitas práticas religiosas estavam presentes nas culturas hindus, gregas, etc.

### Considerações

Foi possível elencar em um mesmo artigo elementos culturais e

religiosos basilares, mesmo que de forma sintética. As características citadas neste trabalho foram influenciadoras de diversas culturas posteriores, ou seja, muitos povos acabaram por compartilhar de diversas práticas dos povos citados no texto.

O estudo expõe em um panorama geral a influência da proto-religião indo-européia nas culturas e religiões que vieram posteriormente. Assim, foi possível observar como outros povos e gerações foram influenciados por essa cultura religiosa.

Este artigo contribuiu para a fomentação dessa vasta área de estudo interdisciplinar, uma vez que, ao iniciar a pesquisa, foi constatada uma dificuldade muito grande em se encontrar autores e pesquisadores brasileiros que escrevem sobre a cultura e religião Indo-européia. Nesse contexto, o trabalho proposto pôde se transformar em mais um material de estudo para aqueles que se interessarem no assunto.

### Referências

COULANGES, N. F. de. *A Cidade Antiga*. Trad. Frederico Ozanam Pessoa de Barros. São Paulo: Editora das Américas, 1961. Disponível em: <<http://ebooksbrasil.org/eLibris/cidadeantiga.html#B6>>. Acesso em: 24 setembro de 2017.

Georges Dumézil in *Artigos de apoio Infopédia* [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-09-26 16:10:50]. Disponível na Internet: [https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/\\$georges-dumezi](https://www.infopedia.pt/apoio/artigos/$georges-dumezi)

SILVA, Moacir. *História Econômica I: teorias, métodos e conteúdos*. 1. Ed. Maringá: Eduem, 2010

<https://academiaprisca.org/indoeuropean/indo-europeu.htm>